



Diretoria de Vigilância em Saúde
Seção de Vigilância Epidemiológica
Boletim de Vigilância dos Acidentes por Animais
Peçonhentos



Junho de 2019

Introdução

Animais peçonhentos são aqueles que produzem peçonha (veneno) e têm condições naturais para injetá-la. Os animais peçonhentos que mais causam acidentes em Minas Gerais são algumas espécies de: serpentes; escorpiões; aranhas; lepidópteros (mariposas e suas larvas); himenópteros (abelhas, formigas e vespas); coleópteros (besouros); quilópodes (lacraias), entre outros.

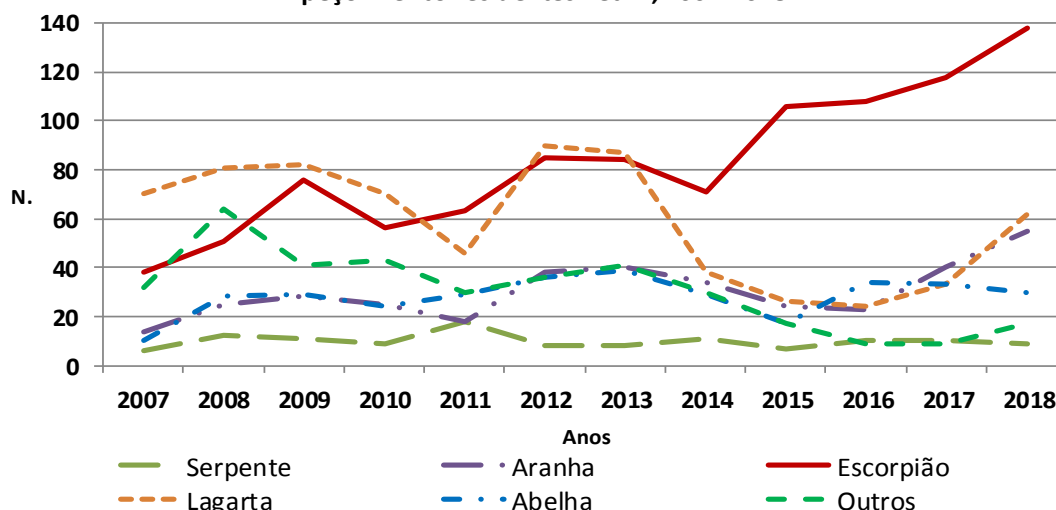
A Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2009, incluiu o acidente por animais peçonhentos na lista de Doenças Tropicais Negligenciadas, estimando que possam ocorrer anualmente no Planeta 1,841 milhão de casos de envenenamento, resultando em 94 mil óbitos. No Brasil, os acidentes por animais peçonhentos são a segunda causa de envenenamento humano, ficando atrás apenas da intoxicação por uso de medicamentos. No Brasil e em Minas Gerais, este tipo de acidente também é de notificação compulsória, devendo ser **notificados imediatamente** após o atendimento.

A notificação imediata deste agravo é importante para direcionar as estratégias e ações para prevenir esse tipo de acidente. Com este intuito, a Vigilância Epidemiológica de Betim analisou de forma descritiva os registros do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e utilizou as variáveis de ano e mês do acidente, sexo, faixa etária, local de notificação, regional de residência, tipo de acidente, estadiamento e evolução no período de 2007-2018.

Situação epidemiológica

Analisando a frequência de notificações de acidentes por animais peçonhentos, pode ser observado que os acidentes por escorpiões representam a maior frequência dos registros seguido dos acidentes por lagartas (Figura 1).

Figura 1 - Frequência de notificações de acidentes por tipo de animal peçonhento residentes Betim, 2007-2018

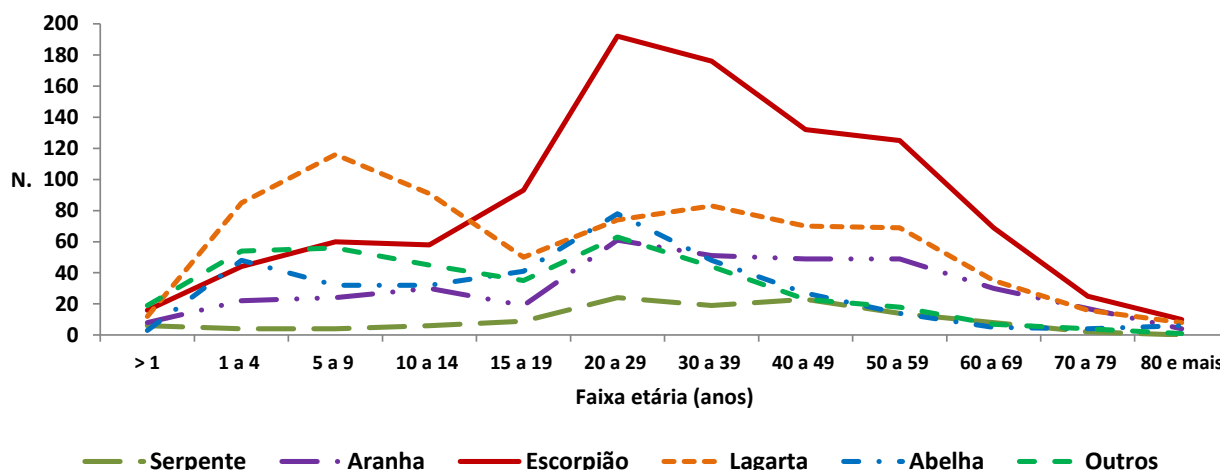


Fonte: SINANNET/SVE/CVS/SMS-BETIM

Nota: Dados atualizados em 18/03/2019.

Analisando a frequência de notificações de acidentes por tipo de animal peçonhento e faixa etária (anos), pode ser observado que os acidentes por escorpiões representam a maior frequência nos adultos jovens de 20 a 49 anos, exceto os acidentes por lagartas que é mais frequente em crianças (Figura 2). Os registros dos outros acidentes por outros tipos de animal peçonhento também são mais frequentes na faixa de adultos jovens. Em relação ao sexo, a maior frequência ocorre no masculino (55%) segundo qualquer tipo de animal peçonhento.

Figura 2 - Frequência de notificações de acidentes por tipo de animal peçonhento e faixa etária residentes Betim, 2007-2018



Fonte: SINANNET/SVE/CVS/SMS-BETIM

Nota: Dados atualizados em 18/03/2019.

Em relação a classificação dos acidentes, pode ser observado que os leves são os mais frequentes em todos animais peçonhentos analisados (Tabela 1). Entretanto em relação aos **casos graves, a maior frequência relativa se referem aos acidentes por serpentes**. Os óbitos foram pouco frequentes em todo o período analisado (três) e podem ser evitados com assistência oportuna e/ou tratamento imediato com antiveneno (soro).

Tabela 1 - Frequência de notificações de acidentes por animais peçonhentos segundo tipo e classificação do caso, residentes

Tipo de Acidente	Leve	Moderado	Grave	Total
Serpente	73	24	11	108
Aranha	318	14	0	332
Escorpião	872	37	9	918
Lagarta	654	13	4	671
Abelha	301	11	2	314
Outros	329	13	2	344
Total	2547	112	28	2687

Fonte: SINANNET/SVE/CVS/SMS-BETIM

Nota: Dados atualizados em 18/03/2019. Os registros em branco e/ou ignorado foram suprimidos

Quando analisadas as Unidades de Saúde notificadoras, observa-se que as UPA's de Betim são importantes fontes de notificação e, conseqüentemente, porta de entrada dos acidentados, com destaque para a UPA Sete de Setembro com 39% das notificações em todo o período. Vale ressaltar também que o Hospital João XXIII atendeu 14,3% dos casos notificados de residentes de Betim (397 notificações), sendo que 89% destes se referiam a casos classificados como leve em que a maioria não precisa de tratamento com antiveneno e poderia ser atendido na rede de saúde do município.

Tabela 2 - Frequência de acidentes por animais peçonhentos segundo Unidade Saúde Notificadora, residentes Betim, 2007-2018

Unidade Saude Notificadora	Leve	Moderado	Grave	Total	%
2126001 UPA SETE DE SETEMBRO	1056	19	4	1079	39,0
2126133 UPA JOSE SABINO NETO TERESOPOLIS	399	18	3	420	15,2
0026921 HOSPITAL JOAO XXIII	355	31	11	397	14,3
2126052 UPA ALEXANDRE SILVA ARAUJO DINIZ ALTEROSAS	349	22	3	374	13,5
2126419 UPA NILDA NOGUEIRA DO A ANDRADE GUANABARA	237	5	1	243	8,8
2190125 UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO PETROLANDIA	34	0	0	34	1,2
2189860 UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO VARGEM DAS FLORES	25	1	0	26	0,9
2200473 HOSPITAL MUNICIPAL DE CONTAGEM	19	0	2	21	0,8
2126486 SECRETARIA MUNICIPAL DE SAUDE DE BETIM	17	1	0	18	0,7
5139074 UBS GUANABARA	13	0	0	13	0,5
2126494 HOSPITAL PUBLICO REGIONAL BETIM	10	2	1	13	0,5
2126451 UNIMED	8	1	1	10	0,4
Outras Unidades	104	14	2	120	4,3
Total	2626	114	28	2768	100,0

Fonte: SINANNET/SVE/CVS/SMS-BETIM

Nota: Dados atualizados 18/03/2019

O diagnóstico é realizado com base na identificação do animal causador do acidente. Em alguns casos, há recomendação de exame complementar. O tratamento é sintomático e com soro antiveneno, de acordo com cada espécie e com cada situação.

O Hospital Público Regional de Betim (HPRB) será a referência para a Rede SUS Betim para o tratamento com antiveneno dos acidentes por animais peçonhentos a partir de 15/07/2019. Toda vítima deve ser encaminhada, imediatamente, para a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) mais próxima que classificará o acidente e, se necessário, encaminhará para o HPRB para administração do soro antiveneno.

Conclusões/Recomendações:

Assistência e Mobilização Social: Divulgar o novo fluxo de atendimento aos usuários das unidades para que em caso de acidentes deste tipo os mesmos procurem as UPAs de referência.

Gestores: Fortalecer o serviço a ser implantado no Hospital Público Regional de Betim.

Elaboração:

Isabela Farnezi Veloso e Cristiane Campos Monteiro

Referências Bibliográficas:

- Brasil. Guia de Vigilância epidemiológica. 2019